



EFEITO DE TRANSPARÊNCIA EM PROCESSOS ALGORÍTMICOS OPACOS: TENSÕES RACIAIS EM ESPAÇOS ENUNCIATIVOS INFORMATIZADOS NA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Felipe Muniz da Silva¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Rogério Modesto²

Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal Fluminense (UESC/UFF)

RESUMO

Nesse trabalho, abordamos a relação imbricada entre corpo negro que produz conteúdo e a dinâmica racializada dos algoritmos através de um gesto de análise de uma entrevista que o produtor de conteúdo AD Junior concedeu ao podcast “CNN Entre Vozes” no ano de 2021. Ancorados na Análise do Discurso materialista, buscamos analisar como a posição-sujeito de um produtor negro de conteúdo significa a ação do algoritmo. Através de nosso gesto de análise, as relações racializadas que demarcam o corpo negro na marginalização e que sustentam a categoria hierarquizante de raça na sociedade são operacionalizadas pelo maquinário automatizado dos algoritmos, uma vez que esses também são marcados por práticas políticas, históricas, sociais e ideológicas.

Palavras-chave: Racialidade. Algoritmo. Análise do Discurso. Produtor de Conteúdo.

ABSTRACT

In this study, we explore the intricate relationship between the black body as a content creator and the racialized dynamics of algorithms by analyzing an interview given by content creator AD Junior on the podcast 'CNN Entre Vozes' in 2021. Grounded in Materialist Discourse Analysis, we aim to examine how the subject-position of a Black content creator is interpreted by algorithmic processes. Our analysis reveals that the racialized dynamics which marginalize the Black body and reinforce the hierarchical category of race in society are perpetuated by the automated mechanisms of algorithms, as these too are shaped by political, historical, social, and ideological practices.

Keywords: Raciality. Algorithm. Discourse Analysis. Content Creator.

INTRODUÇÃO

O território do virtual, segundo Dias (2004), pode ser pensado enquanto local onde se tecem relações e exercícios do poder, na medida em que são inaugurados mecanismos ou formas de

¹ Doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). E-mail: psi.felipemuniz@gmail.com

² Professor Adjunto B de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Pós-doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor e mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: rlmsantos@uesc.br



controle do dizer e do fazer dos sujeitos. Nessa configuração, os corpos acabam sendo organizados, de modo que o estabelecimento de diretrizes e regras *on-line* tensiona o lugar do visto e do não-visto, pois “a rede é o novo mecanismo de controle dos corpos (sociais, jurídicos, políticos, textuais)” (DIAS, 2004, p.121).

É nessa perspectiva de controle tangente à organização dos corpos em meio à sobredeterminação de normatizações tecnológicas específicas encontradas no espaço enunciativo informatizado *YouTube*, no qual todo dizer deve se subverter para então fazer sentido (GALLO, 2017) que compreendemos o produtor de conteúdo do *YouTube* como sujeito do discurso interpelado por um modo de organização que desponta para o funcionamento (ou normatização) do algoritmo.

O algoritmo, pelo advento do mecanismo de filtragem, operacionaliza o funcionamento da visibilidade: o que deve ou não aparecer de imediato ao usuário, o que deve ser consumido a seguir, o que está *a priori* disponível para o grande público (RIBEIRO, 2021). Ao virtualizar-se, os sujeitos veem sua experiência *on-line* de acesso e consumo de conteúdo no *YouTube* enlaçada pela laboração dos algoritmos, os quais ditam o lugar da visibilidade (RIBEIRO, 2021).

Compreendemos o funcionamento do algoritmo enquanto um processo de normatização, de organização dos corpos em espaços enunciativos informatizados, como o *Youtube*, e, por isso, produtores de conteúdo estão sobredeterminados por esse domínio, de modo que “essa normatização incide, inicialmente, sobre a formulação desses textos, e posteriormente sobre a sua circulação” e assim “desloca o dizer para o funcionamento midiático que lhe é próprio³ (tempo limitado, foco na câmera, interlocutor específico (seguidor), etc.” (GALLO, 2017, p. 431).

Nesse trabalho, nos mobilizamos em pensar nos acessos do corpo negro em meio à conformação das dinâmicas algorítmicas. Empreenderemos mais a frente um gesto de análise de uma entrevista que o produtor de conteúdo AD Junior concedeu ao podcast “CNN Entre Vozes”. Gostaríamos de frisar que a finalidade desse gesto de análise centra em discutir o corpo negro que produz conteúdo em espaços enunciativos informatizados e o modo como esse corpo significa a sua relação com o algoritmo.

Levando em conta que as palavras mudam de sentido a partir da posição-sujeito do enunciador (PÊCHEUX, 2014), temos como pergunta discursiva norteadora desse gesto de análise a seguinte formulação: como a posição-sujeito de um produtor negro de conteúdo significa a ação do algoritmo?

1 CÁLCULOS, EFEITOS DE TRANSPARÊNCIA E IDEOLOGIA

Tendo em vista a organização de sujeitos e de conteúdo na rede, o algoritmo atua enquanto sistema computacional de tomada de decisão inclinado para resolução de demandas, operando, segundo Ribeiro (2021), a partir de diretrizes pré-estabelecidas de coleta e análise de dados. A ação do algoritmo faz circular conteúdos nos espaços enunciativos informatizados, sendo esse mecanismo de circulação entendido como a grande recompensa para os corpos que se lançam na produção de conteúdo. Segundo Gallo (2017, p. 431), um conteúdo pode engajar para milhões em

³ Explica Gallo (2017) que o processo de circulação de textos (conteúdos) nos espaços enunciativos informatizados, por estarem imbricados com as lógicas operativas de normatização, acabam perdendo a legitimidade na mesma proporção em que se afastam de certas condições de produção que lhes conferem uma natureza política. “A submissão à normatização das redes pode levar a uma mediatização, mas não à legitimação”. (GALLO, 2017, p. 432).



um único dia, mas “para isso, há um preço a pagar: submeter o seu texto à normatização da rede em que ele circulará, ou seja, formulá-lo segundo essa normatização”.

É assim que, em espaços enunciativos informatizados como o *Youtube*, os algoritmos coordenam postagens que aparecem nos perfis dos usuários se valendo de uma base de critérios que apontam para normatizações, como o comportamento de usuários na rede (RIBEIRO, 2021).

Na atualidade, o algoritmo se presentifica em diferentes âmbitos virtuais na tentativa de fornecer respostas rápidas, personalizadas e articuladas com dados, possibilitando aos usuários o que considera como a “melhor” experiência *on-line* possível (GILLESPIE, 2018). “Os algoritmos não são necessariamente *softwares*: em seu sentido mais amplo, são procedimentos codificados que, com base em cálculos específicos, transformam dados em resultados desejados” (GILLESPIE, 2018, p. 97), de forma controlada, e assim apresentam informações (conteúdos) como resultado desse procedimento matemático projetado de armazenamento e leitura de dados.

Os algoritmos são projetados para a ação de calcular, entendendo o que “está em alta”, o que seria a tendência, ou ainda o que está sendo “mais discutido” no momento. Na condução de apresentar “o momento”⁴, os algoritmos nos oferecem uma aba aparentemente infinita de interações entre usuários que contornam o assunto em dado espaço informatizado (GILLESPIE, 2018).

Dessa maneira, os algoritmos não só contribuem na busca e ranqueamento de informações, mas nos familiariza com determinados conteúdos e manifestam o que há para ser conhecido (GILLESPIE, 2018). Sobre essa afirmação, damos ênfase, então, que os algoritmos, de certa forma, contribuem para a familiarização de conteúdos e de produtores de conteúdos nos espaços enunciativos informatizados ao torná-los mais visíveis ou acessíveis em detrimento de outros.

Ora, os algoritmos são usados nas redes sociais virtuais para selecionar e mostrar o que a máquina considera relevante ou não para o usuário, por meio da observação de padrões de navegação, como um gênio da lâmpada que sabe de forma automática e precisa o que se deseja ser visto pelos usuários. Por um lado, trata-se de recurso profícuo para a experiência dos consumidores navegando pela internet, como um grande shopping virtual em que todas as vitrines agradam o internauta, não precisando passar por todas as galerias existentes até encontrar a loja que lhe interessa. (ROCHA, PORTO, ABAURRE, 2020, p. 12).

A analogia do grande shopping virtual face à navegação e consumo de conteúdo na internet proposta em Rocha, Porto e Abaurre (2020) é útil para discutir sobre o fato de que o consumo de vídeos no *Youtube* também é atravessado por uma estruturação algorítmica, uma vez que esse espaço enunciativo informatizado realiza processos de seleção, filtragem e ranqueamento de informações que o sistema computacional julga serem relevantes ao usuário, passando então a recomendar vídeos (REIS; ZANETTI; FRIZZERA, 2020).

Esse processo de espaços enunciativos informatizados, por ser matematizado, pode produzir como efeito de sentido a ideia de que é neutro e, por conseguinte, isento de qualquer determinação ideológica. Todavia, entendemos que não há separação entre a técnica virtual e a ideologia, uma vez que, segundo Dias (2012, p. 28), o surgimento da informatização estampa uma nova temporalidade, e assim acaba simbolizando a existência virtual das coisas do mundo “a partir das

⁴ Entendemos que “o momento” seria justamente assuntos que o algoritmo entende como atuais e que há um quantitativo significativo de pessoas interagindo sobre aquele determinado assunto.



condições materiais das práticas sociais, políticas históricas e ideológicas”. A tecnologia não deixa de ser uma produção humana e, portanto, atravessada “por tradições, por valores subjetiva e intersubjetivamente partilhados, mas sobretudo com finalidades historicamente determinadas” (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023, p. 147).

Ao ser discursivizado como um lugar blindado de questões que perpassam o social, os espaços enunciativos informatizados funcionariam sob efeito da transparência, pois o que haveria seria apenas uma lógica matemática da técnica virtual, mas já se sabe, por Dias (2012), que a ideologia segue operando na rede *on-line*, como se observa nos filtros automáticos de redes que tornam invisíveis conteúdos produzidos por corpos negros.

É pensando nesse efeito de transparência, explica Silva (2022) que os ambientes virtuais foram discursivizados ou lidos durante um tempo como espaços informatizados que dissipariam variáveis vistas como identitárias, como: raça, gênero, classe ou nacionalidade. Assim, o autor salienta que isso se deu de acordo com alguns fatores: a) em um tempo de escassas modalidades de comunicação *on-line*, focando sobretudo na textualidade; b) no silenciamento de pesquisadores advindos de populações minorizadas de países da diáspora africana; c) e finalmente, na intenção da neutralidade das plataformas sob a consolidação do tecnoliberalismo (SILVA, 2022).

Dessa forma, os mais diversos espaços informatizados passaram a ser vistos como incorruptíveis, isentos de qualquer viés social e identitário, sem nenhum tipo de tácito pacto da branquitude, como nos lembra Bento (2022, p. 18, grifo da autora). Da mesma maneira, “o mito da descorporificação e superação das identidades fortaleceu-se na interseção de uma série de motivações, desde o olhar utópico de quem via a internet como um possível éden até a cegueira racial, que já não enxergava as disparidades estruturais e hiatos digitais (SILVA, 2022, p. 18-19).

Nessa conformação, os espaços informatizados são delineados por deslocamentos e retomadas, sendo lugares de significação em que são ordenados pela linguagem, e com isso, marcados pela historicidade, ideologia, por práticas políticas e sociais (DIAS, 2012). Assim, compreendemos os espaços enunciativos informatizados enquanto espaço de disputas, espaço por onde a ideologia segue seu curso em todos os meandros informatizados, e por isso, chamamos a atenção nesse momento para pensar na questão da racialidade e sua relação com a língua automatizada algorítmica de zeros e uns.

2 ZEROS, UNS E A TENSÃO RACIAL

Pensar na relação entre algoritmos e racialidade é entender os espaços enunciativos informatizados como espaço em que tanto a categoria de raça quanto o racismo estão imbricados no virtual em prol da sobredeterminação ideológica, pois, como salienta Silva (2022), democracia racial e neutralidade na tecnologia, embora compareçam como dois elementos distantes, se irmanam no propósito de ocultar relações de poder que endossam a desigualdade.

É pela convergência entre a política do racismo na política tecnológica que Silva (2022, p. 14, grifo do autor) destaca o engendramento de uma “dupla opacidade”, ou seja, uma reunião (que não se resume a uma simples soma) de tradições de ocultação e, ao mesmo tempo, de exploração em torno das relações raciais. O autor conclui que essa dinâmica tem o racismo imbricado às tecnologias por processos considerados invisíveis em função de sua automatização – recomendação de conteúdo, moderação, processamento de imagens, reconhecimento facial, dentre outros (SILVA, 2022).

O autor ainda explica que, na rede, essas práticas raciais não se resumem a ofensas explícitas em formato textual ou imagético, isto é, discursos de e sobre raça, como esclarece Modesto (2021),



mas estão na técnica virtual que privilegia e mantém poder político em favor do corpo branco (SILVA, 2022).

A compreensão de muitas manifestações do racismo na forma de microagressões em práticas cotidianas é especialmente difícil quando se trata de tecnologias algorítmicas de comunicação, que trazem novas camadas de opacidade em seu funcionamento. Se a tecnologia é erroneamente enquadrada e percebida como neutra, a tal equívoco se soma a negação do racismo como fundante de relações e hierarquias sociais em países como o Brasil. (SILVA, 2022, p. 28).

Compreendendo que o funcionamento da racialidade está fortemente imbricado nas relações cotidianas, a técnica virtual de espaços enunciativos informatizados não escapa dessa relação; isto é, a ideologia permanece operando ainda que seja discursivizada como neutra para negar o racismo (SILVA, 2022).

À vista disso, ainda que tenha sido discursivizado como *colour-blind*⁵, espaços informatizados mantém relações racializadas, pois, como lembra Trindade (2020), esse espaço informatizado é branco, tendo em mente o capital econômico e cultural que o corpo branco teve acesso ao longo dos anos via pacto da branquitude (BENTO, 2022), mantendo seu devido espaço de privilégio (Silva, 2022). Assim, a partir de Trindade (2020) e de Silva (2022), compreendemos que esse grupo racial consegue, assim, manter a operacionalização ideológica dominadora pelo processo de interpelação sobre quem nos espaços enunciativos informatizados se presentifica.

Segundo Trindade (2020) e Adorno (2015), os espaços informatizados que formam a virtualidade permitem que certos gestos circulem em função de outros. Os autores afirmam que o virtual oportuniza a circulação de certos sentidos e não de outros, já que as circulações discursivas nunca são ao acaso, aleatórias. Nesse sentido, são nos espaços enunciativos informatizados que certas discursividades ganham corpo em vista de outras, e são onde entendemos que o funcionamento dos algoritmos é tecido materialmente ao lançar luz sobre alguns corpos em vista de outros.

Para sustentar essa tese, ancoramo-nos em Trindade (2020), cujo trabalho aponta que na história, esse funcionamento se fez presente em diversos meandros, de modo que a concepção sobre o progresso, a modernidade, o que merece destaque, fosse traduzida como espaço legitimamente branco. Enquanto em segundo plano estaria o espaço destinado aos negros, o que podemos pensar que seria então discursivizado como lugar de atraso (TRINDADE, 2020).

Para não perder de vista a memória discursiva racial que atravessa as relações da nossa formação social, cabe entender o funcionamento dos algoritmos como espaço onde opera a racialidade por meio de demarcações em torno do corpo negro (TRINDADE, 2020; SILVA, 2022), queremos dizer, em torno de produtores negros de conteúdo.

Por sua vez, por muitas vezes o corpo negro que produz conteúdo se situa nas margens da virtualidade, nos confins do ranqueamento e engajamento, pois “um algoritmo que reflete nosso mundo também pode refletir e expandir padrões discriminatórios existentes em nossa sociedade” (ROCHA, PORTO, ABAURRE, 2020, p. 21). Assim, refletimos que o sistema algorítmico, gerido por

⁵ Espaço onde as diferenças raciais seriam irrelevantes (TURKLE, 1995; RHEINGOLD, 2000; LÉVY, 2001; POSTER, 2001; HANSEN, 2006 *apud*. TRINDADE, 2020).



sujeitos, é ideologicamente constituído ao mesmo tempo em que é alimentado por uma memória discursiva, já que a racialidade se justapõe à técnica.

Dessa maneira, consideramos que há uma espécie de sanção posta em funcionamento no tangente ao ranqueamento e engajamento de conteúdo, isto é, por razão de refletir os processos discriminatórios sociais (ROCHA, PORTO, ABAURRE, 2020), produtores negros de conteúdo acabam sendo penalizados por não fazerem parte da branquitude.

Refletindo sobre o estudo de Anjos (2021), pensamos que os efeitos do engajamento apontam para a necessidade contínua dos produtores negros de conteúdo performar esse lugar de visibilidade fabricado pela/para branquitude, ainda que estejam alijados do centro. Amparando-nos na tese de Anjos (2021), compreendemos que muitos produtores negros de conteúdo podem performar sentidos de beleza branco-hegemônicos, mas ainda assim possuem (ou estão em) um lugar marginal em relação ao centro, ou seja, ainda podem não compor o lugar da evidência algorítmica no tangente ao ranqueamento e ao engajamento. O que queremos dizer é que o funcionamento algorítmico é racializado e, dessa maneira, muitos produtores negros de conteúdo (distantes da evidência) podem se ver numa contínua necessidade de performar para alcançar uma visibilidade que é engendrada pela e para a branquitude.

Temos que os efeitos do engajamento propiciados pelos algoritmos acabam sendo fruto do processo fundante de racialização no curso da nossa formação social (MODESTO, 2021), e assim, ancorados em Anjos (2021), pensamos que o corpo negro é discursivizado como inapropriado e recebe sua sentença social ainda que performe o lugar do centro, da visibilidade através da interação entre audiência e produtor negro de conteúdo.

Para Rocha, Porto, Abaurre (2020), devemos considerar que o engajamento está relacionado com o enviesamento dos algoritmos no manejo da reprodução de processos sociais discriminatórios, como sexismo, homofobia, xenofobia e o racismo, que são transmutados e arraigados nos códigos matemáticos, visto que os sistemas algoritmos não deixam de reproduzir e normalizar as mais diversas formas de agressão ao corpo negro, apresentando “uma nova faceta pervasiva de ordenação de dados e representações racializadas” (SILVA, 2022, p. 26).

Desse modo, por mais neutros que algoritmos sejam textualizados na linearidade do discurso, ainda assim perpassam por um atravessamento racializado, sendo que esse processo “[...] ressalta a compreensão de que a tensão racial é um problema constitutivo à formação social brasileira, tendo em vista o modo de produção que a domina” (MODESTO, 2021, p.2).

Algoritmos medeiam quais sujeitos são ou não inclusos, como são ordenados, suas hierarquias de valor ante os objetos e o capital e também situações em que vidas são consideradas descartáveis. Uma vez que vivemos em um mundo moldado pela supremacia branca, que nos últimos séculos vem se transformando em projetos de poder e violência, a partir do colonialismo material, político e científico, é preciso entender então o papel da algoritmização das relações raciais e de poder. (SILVA, 2022, p. 66).

Portanto, temos disposto na técnica virtual e no imaginário sociotécnico um molde forjado pela supremacia branca, a qual realiza a ordenação dos corpos em espaços informatizados da rede (SILVA, 2022). Assim, temos um corpo que opera a visibilidade e o engajamento, e outro que, por vezes, se situa nas margens virtuais por intermédio das ações algorítmicas, permitindo que as relações racializadas de poder retomem um colonialismo digital (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023).



3 ALGORITMO, RACISMO E COLONIALISMO DIGITAL

Faustino e Lippold (2023, p. 78) definem o colonialismo digital como uma “expressão objetiva (e subjetiva) da composição orgânica do capital em seu atual estágio de desenvolvimento e se materializa a partir da dominação econômica, política, social e racial de determinados territórios, grupos ou países, por meio das tecnologias digitais”. Sendo assim, o colonialismo digital se materializa nas relações racializadas, produzindo hierarquias e expandindo o racismo nas lógicas extrativistas, automatizadas e nos arranjos técnico-virtuais.

Considerando que a digitalização e a dataficação não eliminaram o racismo dos seus processos matemáticos, mas reproduziram e expandiram via gestão algorítmica, tem-se o colonialismo digital como grande advento de uma rede neural artificial, a qual gera padrões racializados e modelos racistas (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023). A matemática, supostamente neutra, torna-se veículo de uma ideologia racializada quando se apoia em dados enviesados e os transforma em decisões automáticas. Assim, o que Faustino e Lippold (2023) chamam de colonialismo digital aparece, por exemplo, na reprodução do racismo em sistemas de reconhecimento facial, em que pessoas negras podem ser tidas falsamente como suspeitas de crimes.

Dessa forma, “o colonialismo dissemina que o único modo de criar tecnologias é esse que nos subordina e nos modula”, tendo em vista que dados, códigos e programas virtuais estão sujeitos aos interesses sociais e aos projetos de poder que lhes fundamentam e dão existência (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023, p. 20).

Com isso, compreendemos que o corpo negro em espaços informatizados se esbarra nas relações materiais e simbólicas que acabam delimitando-o, seja por meio da colonização de infraestrutura, pela invisibilidade nos acessos ou hipervisibilidade quando em contexto de dominação e controle, pelo enviesamento discriminatório e de negligência em relação à presença do racismo na rede (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023), ou ainda no favorecimento do corpo branco em relação ao corpo negro em relação ao ranqueamento de conteúdos via ação algorítmica, por exemplo.

Acreditamos, portanto, que a noção de racialização codificada ou racialização digital possa ser mais abrangente para dar conta da explicitação do contexto material de desenho dos algoritmos, de forma a evidenciar a seletividade racial dos cargos técnicos em empresas de programação, a distribuição social desigual de prestígio entre produtores de conteúdo digital na internet e a codificação naturalizada dos discursos e estética racistas nas mídias sociais e nos bancos de imagem digitais. (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023, p. 149).

Assim, temos uma política eugênica que se textualiza no “aprendizado” das máquinas e, conforme argumenta Faustino e Lippold (2023), essa política se materializa na língua de zeros e uns, enviesando o corpo negro nos espaços informatizados. “A eugenia se materializa tanto na utilização estética e cultural branco-ocidental como parâmetro de humanidade quanto na exclusão ou desigualdade do acesso às tecnologias informacionais”, e por isso, a racialização codificada demarca e marginaliza o corpo negro na rede (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023, p. 149).

É justamente nos processos tidos como “invisíveis” pelos recursos automatizados da virtualidade, que a imbricação com a racialidade se manifesta no reconhecimento facial, no processamento de imagens, na recomendação de conteúdos, dentre outros (SILVA, 2020, p. 122, grifo do autor). A lógica algorítmica então ganha corpo, ou melhor, demarca um corpo, o corpo



negro, influenciando em processos cotidianos, ou mesmo para produtores negros de conteúdo que se lançam na virtualidade.

A vista do efeito de demarcação e marginalização do corpo negro em espaços enunciativos informatizados, chamamos a atenção para pensar na relação entre a racialidade e os algoritmos, as quais se inclinam na preservação do corpo negro na margem da evidência, afastando-o do engajamento.

4 ALGORITMOS, PRODUÇÃO DE CONTEÚDO E CORPO NEGRO

Abordamos até aqui o corpo negro na dinâmica racializada dos algoritmos, e nesse momento, gostaríamos de focar em quem faz conteúdo e está suscetível ao enviesamento algorítmico. Tendo em vista os meandros do algoritmo no que tange ao ranqueamento e engajamento de produtores de conteúdo na virtualidade, em que uns são favorecidos em razão de outros, empreendemos um gesto de análise de uma entrevista que o produtor de conteúdo AD Junior concedeu ao *podcast* “CNN Entre Vozes” no ano de 2021. O criador de conteúdo e ativista brasileiro, se destaca por abordar temas relacionados à diversidade, cultura negra e equidade racial. AD contabiliza mais de 85 mil inscritos em seu canal no *YouTube* e tem seu trabalho reconhecido por trazer amplificar vozes e trazer debates à sociedade.

A partir de nosso gesto de análise, foi realizado o recorte de um total de 7 sequências discursivas. Ressaltamos que a pergunta que norteia a nossa pesquisa é: como a posição-sujeito de um produtor negro de conteúdo significa a ação do algoritmo?

Como dito anteriormente, a discussão que relaciona a produção algorítmica ao racismo parece não passar despercebida pelos produtores negros de conteúdo, os quais assumem que os algoritmos refletem o funcionamento social. Para AD Junior:

SD1 – “É sempre bom e importante lembrar que esses algoritmos, essas fórmulas que produzem esse funcionamento, os mecanismos que operam com a tecnologias digitais, é produzido por seres humanos, né?! Pessoas comuns, como nós aqui, que estão também imersos em uma cultura. E o fato é que uma sociedade racista ela tende a reproduzir algoritmos racistas”.

Analisando a discursividade de AD Junior em *SD1*, pensamos que a linguagem lógica e automatizada dos códigos algorítmicos não escapa de determinações ideológicas, de modo que é atravessada por práticas racializadas, tendo em vista que as tecnologias, os espaços enunciativos informatizados são produzidos por sujeitos interpelados pela ideologia e marcados pela temporalidade histórica. Nessa conformidade, reiteramos que é importante pensar nos processos sociais racializados no algorítmico.

Destacamos a *SD1* para pensar na laboração dos algoritmos “produzido por seres humanos”, “pessoas [...] que estão também imersas em uma cultura”, isto é, por sujeitos assujeitados, interpelados, que significam, que são atravessados pelo interdiscurso, pela memória, e que são levados à injunção de interpretar.

Aceitamos, assim, que os algoritmos são criados, mantidos e organizados por sujeitos situados historicamente e imersos no funcionamento da ideologia, pois, como nos lembra Orlandi (2022, p. 105), “o sujeito se submete à língua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e



determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia”.

É pensando nesse sujeito ideologicamente interpelado por questões racializadas que AD Junior na *SD1* aborda, na ordem do fato, de uma conjuntura que se materializa, que em “*uma sociedade racista ela tende a reproduzir algoritmos racistas*”. Diante disso, nos questionamos: tende a reproduzir? Tende a formular? Tende a programar? Produz, formula, programa? É levado a produzir, formular, programar? Se é levado quem leva? Se tende, por que tende? Se é uma tendência, é algo temporário ou algo que sempre se inclina para isso? Essas questões nos levam para a próxima SD:

SD2 – “E esses algoritmos, eles acabam reproduzindo essa dinâmica que é uma dinâmica presente na sociedade e que, portanto, também deve ser percebida, enfrentada e problematizada no ambiente digital”.

Assim, pensando que os algoritmos são feitos por pessoas imersas em uma cultura, AD Júnior entende em *SD2* que não há separação entre a técnica matemática algorítmica e as dinâmicas racializadas operadas no corpo social. Tais dinâmicas compreendem o funcionamento de uma ideologia eurocentrada que acaba por determinar o lugar do corpo negro nos espaços enunciativos informatizados, na produção de conteúdo e no engajamento algorítmico.

Considerando o lugar do corpo negro nos espaços enunciativos informatizados, o lugar do produtor negro de conteúdo sob os efeitos do engajamento algorítmico, refletimos que esse lugar é perpassado pela produção ideológica eurocentrada e pela manutenção da categoria de raça no curso histórico da formação social brasileira.

Tendo em vista que o pensamento eurocêntrico bem como a invenção da raça propôs a separação e hierarquização (MBEMBE, 2022), chamamos a atenção para os espaços enunciativos informatizados que, por determinação ideológica, preserva o corpo negro nessa dinâmica hierarquizante “*presente na sociedade*” (*SD2*). Dessa maneira, a técnica matemática algorítmica e as dinâmicas racializadas se veem imbricadas.

Gostaríamos de ressaltar ainda que o uso do verbo “acabar” em *SD2* põe em funcionamento um curso que se finda em um lugar. No caso de *SD2*, reiteramos que, sendo os algoritmos produzidos por sujeitos interpelados ideologicamente e tendo em vista a categoria de raça como fundante da nossa formação social, como aprendido em Modesto (2021), os algoritmos não poderiam chegar em outro lugar que não o da racialidade, isto é, não poderiam reproduzir outra coisa senão “*essa dinâmica que é uma dinâmica presente na sociedade*”.

Assim, as manifestações do racismo algorítmico produzem efeitos sociais, de modo que, para AD Junior em *SD2*, o corpo negro se vê em uma posição de desprivilegio face ao corpo branco. As relações racializadas que demarcam o corpo negro na marginalização e que sustentam a categoria hierarquizante de raça são operacionalizadas pelo maquinário automatizado, pois devemos lembrar que a rede é também atravessada pelos marcadores sociais de raça, onde não há plenamente as mesmas oportunidades. Tudo não deixa de passar de um efeito de transparência, conforme aprendemos com Silva (2022).

É nesse eixo modal da categoria de raça na virtualidade que os algoritmos engendram a continuidade de uma margem social nos espaços enunciativos informatizados. Ou seja, assume-se, na posição-sujeito de *SD2*, que o que é feito em espaços enunciativos informatizados tem



continuidade/efeito/consequência no social, de tal forma que as dinâmicas de desigualdade de classe e raça do social também são operacionalizadas nos espaços enunciativos informatizados.

Pensando nessa relação, apresentamos um conjunto de sequências, porque a partir delas pensamos no engendramento da categoria de raça no maquinário automatizado dos algoritmos para quem produz conteúdo em espaços enunciativos informatizados:

SD3 – “Quando comecei a fazer o canal para falar sobre questões de negritude, eu via que quando eu postava, eu podia colocar a métrica certinha de tudo que não ia. E até hoje eu tenho isso. Isso acontece até hoje. Eu tenho números muito ínfimos de pessoas que entram, que compartilham, que colocam, por conta da entrega ▲⁶ ser muito menor”.

SD4 – “Mas vi pessoas que chegaram depois, que tem o mesmo tipo de fala e que são muito bons mesmo, não é uma crítica a quem faz, mas é que quem tem o tom de pele mais claro ou que são brancos [...] tem entregas ▲ muito superiores”.

SD5 – “Uma vez eu fiz uma postagem com uma pessoa branca dos olhos azuis só pra testar [...]. Eu coloquei e eu tive mais de duzentos likes em sete minutos. Assim! O que era novidade pra mim, e as pessoas simplesmente clicam. Elas simplesmente clicam, quer dizer, a gente também tá ensinando o PC a funcionar de uma forma porque o algoritmo também faz parte de como a gente vai treinando o sistema também. E aí ele começa a repetir aquilo que é um vício de uso do sistema. Então ainda tem uma questão de que as pessoas têm o olhar muito racializado para tudo o que se coloca nas redes e isso se produz também na forma de como elas vão engajar nos conteúdos”.

SD6 – “Às vezes uma pessoa tem milhares de seguidores lá, simplesmente só porque a pele é branca”.

SD7 – “Uma sociedade que ainda é muito racializada e vai dar like pra qualquer pessoa que participe de uma novelinha de adolescente que durante a tarde vai ganhar doze milhões de seguidores e a mesma menina, se for negra, ou um menino, um ator negro, não vai ganhar metade disso. Então também tem muito a ver com o comportamento”.

Atentando para o fazer do produtor de conteúdo nos espaços enunciativos informatizados, a posição-sujeito AD Junior não dissocia corpo branco de engajamento. Lendo as sequências em conjunto, é possível compreender que sua narrativa em primeira pessoa textualiza as experiências de si enquanto sujeito racializado nos espaços enunciativos informatizados. É dessa posição que ele avalia a sociedade, o algoritmo, a visibilidade, o engajamento.

Pensando nessa imbricação entre o corpo branco e os efeitos do engajamento, AD Junior expressa que o corpo branco nos espaços enunciativos informatizados tem se beneficiado, no sentido de que não importa muito o que esse corpo produz de conteúdo *on-line*, ainda será um corpo que irá gerar mais cliques (SD5), mais likes (SD7), ter mais entregas pelos algoritmos (SD3, SD4) e mais seguidores “só porque a pele é branca” (SD6). Assim, recuperamos SD1 para pensar que

⁶ Utilizamos esse símbolo gráfico para dizer que nesse ponto da SD há uma elipse.



esse funcionamento do corpo branco como o corpo da visibilidade e, portanto, do engajamento algorítmico, se dá pela questão de que *“uma sociedade que ainda é muito racializada” (SD7), “ela tende a reproduzir algoritmos racista” (SD1).*

Nesse nexos sobre a “entrega” realizada “pelos algoritmos” que podem ser incisas para as elipses em SD3 e SD4, está entremeada pela questão da racialidade. Na narrativa expressa, não importa se o produtor negro de conteúdo colocava *“a métrica certinha de tudo” (SD3)*, ou ainda se produz o mesmo trabalho que um corpo branco (SD7), o resultado será um só, ou seja, os algoritmos não poderiam culminar em outro lugar que não o da racialidade.

Por sua vez, os algoritmos são também operacionalizados pelo comportamento dos usuários nos espaços enunciativos informatizados, assim *“a gente também tá ensinando o PC a funcionar de uma forma” (SD5)*, que seria uma forma racializada contemplando e dando likes ao corpo branco (SD7).

Dessarte, AD Junior entende que os algoritmos no que tange a engajamento e entrega de conteúdo apresentam mais corpos brancos em detrimento de corpos negros sob a justificativa de que *“as pessoas têm o olhar muito racializado para tudo o que se coloca nas redes e isso se produz também na forma de como elas vão engajar nos conteúdos” (SD5).*

Dessa maneira, consideramos o corpo branco em todo o conjunto de sequências como um corpo da visibilidade, do engajamento, enquanto tenho o corpo negro que, por ser negro, *“não vai ganhar metade” (SD7)* do que o corpo branco tem acesso nos espaços enunciativos informatizados. É por meio dessa taxa de acessos que os espaços enunciativos informatizados, como o *YouTube*, monetizam conteúdo, atraem o mercado da publicidade e se tornam mais visíveis, mais engajados (Rocha, Porto, Abaurre, 2020).

É pensando nesses acessos que De Freitas (2021) afirma que o marcador social de raça se faz presente nos espaços enunciativos informatizados, afetando as relações de monetização de conteúdos e parcerias comerciais com marcas, tendo em vista que o corpo negro não engaja tanto quanto o corpo branco.

Para a autora, os produtores negros de conteúdo são mais contratados para ocupar uma posição de educadores raciais, com a finalidade de abordar temáticas como racismo e demais formas de opressão com a população negra, sob intenção de, na maioria das vezes, vincular uma imagem inclusiva, plural e antirracista para a marca (DE FREITAS, 2021).

Os produtores negros de conteúdo são convidados ao lugar da evidência na parceria com empresas ou marcas apenas quando assumem uma postura de preceptor de temáticas raciais. “Ao contrário do que é para influenciadores negros, os brancos são contratados para falar de temas diversos, na prática, eles não são entendidos enquanto grupo racializado, como pessoas iguais ou parecidas, com estereótipos determinados” (DE FREITAS, 2021, p. 8).

É importante levar em consideração que o racismo também compromete a produção de conteúdo de um influenciador negro, visto que ele está suscetível a ataques on e off-line, e esse crime atinge sua intimidade e seu psicológico. Dessa forma, influenciadores brancos e negros não produzem conteúdos na internet sob as mesmas condições. (DE FREITAS, 2021, p. 13).

Tendo em vista o exposto de que os produtores brancos e negros de conteúdo estão sob condições de produção de conteúdo diferentes (DE FREITAS, 2021), recuperamos SD7 para pensar na condição que *“se for negra”*, não ganhará metade do engajamento e visibilidade, *“se for negra”*,



levando em consideração a discussão proposta por De Freitas (2021), só será convidado por marcas e empresas para servir de preceptor entre temáticas raciais.

A condição marcada pela cor da pele no conjunto de sequências textualiza a posição de desprivilegio a qual o corpo negro é assujeitado, não se esquecendo de que os espaços informatizados, nessa conformação, não se desprendem das determinações ideológicas engendradas na nossa formação social, pois, como lembra Dias (2012), são espaços de significação marcados por práticas políticas, históricas, sociais e ideológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos até aqui que os algoritmos permitem a operacionalização da matemática, da linguagem lógica, que, por sua vez, propicia a entrega de conteúdo unicamente por um viés técnico-virtual, isto é, produzido por meio de uma estrutura lógica virtualizada. Mas, ao mesmo tempo, refletimos que admitir essa transparência lógica na entrega de conteúdo é perder de vista que os algoritmos, feitos e monitorados por sujeitos, também são atravessados por marcadores sociais de gênero, classe e racialidade.

À vista disso, é impossível pensar em um espaço informatizado que todos os produtores de conteúdo sejam contemplados positivamente⁷ pelos códigos matemáticos do algoritmo no ranqueamento de conteúdos. Nem todos os produtores ganham “fama” e visibilidade. Pensamos, assim, que tal visibilidade não se dá apenas pela ordem da técnica, dos códigos. Essa relação, que nos debruçamos aqui, também é perpassada pela questão da racialidade.

À luz das SDs que analisamos, torna-se inviável imaginar um ecossistema *on-line* em que todos os produtores de conteúdo sejam igualmente contemplados pelos códigos algorítmicos. Como evidenciam as SD1 e SD2, essas fórmulas são criadas por sujeitos imersos em uma sociedade racista e, por isso, tendem a reproduzir esse mesmo racismo. As consequências aparecem de modo concreto nas experiências relatadas em SD3 e SD4 em meio às métricas de alcance persistentemente ínfimas, as quais contrastam com a ampla entrega obtida por influenciadores de pele clara.

Se levarmos em consideração a dita neutralidade dos algoritmos, teríamos, na virtualidade, como resultado da lógica, a completa igualdade entre os produtores de conteúdo, no sentido de que não haveria nenhum tipo de favorecimento quanto ao algoritmo. Logo, como vimos em SD5, uma simples postagem com uma pessoa branca de olhos azuis dispara o engajamento em minutos, sendo a cor da pele um elemento que, por si só, continua a regular quem ganha visibilidade (SD6 e SD7).

Por assim dizer, o espaço *on-line*, por onde operam os algoritmos, acaba sendo deslizado para um funcionamento democrático, onde todos possuem proporcionalmente as mesmas chances de gerar engajamento e conquistar o púlpito da fama. E, sob essa égide, não há espaço para se pensar a relação dos algoritmos com alguns marcadores sociais, como o de racialidade.

Explica Gallo (2017, p. 432, grifo da autora) que o funcionamento dos espaços enunciativos informatizados esbarra em uma contradição, visto que o que prevalece é o efeito de que todos têm acesso à rede da mesma forma, porém, como não há exterior para ideologia e por seguir seu curso de interpelação na informatização, as marcas deixadas por ela são suficientes para “selecionar” os sujeitos. Isso torna os espaços enunciativos informatizados espaços discursivizados como

⁷ Queremos dizer aqui que nem todos os produtores de conteúdo são bem-posicionados no tangente a recomendações de vídeos pela laboração algorítmica.



transparentes ao mesmo tempo em que exclui os diferentes, permanecendo de forma incontornável pela operacionalização ideológica (GALLO, 2017), já que a ideologia cria a ilusão – o que o Althusser (1985) chama de efeito ideológico elementar – de que as coisas são como são. É um “é como é” da internet, como se fosse igualitário, sem luta de classe, despreendida da racialidade.

O funcionamento da evidência de que a internet “é como é” dá conta de produzir o efeito ilusório de que esse seria um espaço da via do incorruptível, de modo que produtores negros de conteúdo se veriam individualizados e responsabilizados por não atingir certos números no *on-line*.

Queremos dizer que essa relação imputa certa culpabilização ao mesmo tempo em que individualiza os sujeitos negros, o que acaba perdendo de vista que o seu fazer, assim como ranqueamento e engajamento são atravessados por dinâmicas eurocentradas presentes na formação social, como a ideia de raça, que acaba por organizar os corpos nos espaços enunciativos informatizados.

Tendo isso em vista, espaços enunciativos informatizados se aproximam de uma dinâmica que vai ao encontro a opacidade, por onde faz circular sentidos e passa a demarcar o lugar do corpo negro. Eles estão, na verdade, distantes da imparcialidade, de jeito que seus códigos lógicos gerenciam interações e novidades, ou seja, realizam escolhas em detrimento de outras e assim tornam algumas coisas visíveis ao mesmo tempo em que excluem outras (GILLESPIE, 2018). Sendo assim, com a vida cotidiana cada vez mais imersa na virtualidade, a tecnologia dos códigos virtuais se entrelaça aos processos sociais na forma como operam os algoritmos e *softwares* modernos.

Desse modo, o enviesamento da racialidade nos algoritmos torna central a categoria de raça no funcionamento da virtualidade, afetando o fazer dos produtores negros de conteúdo no que diz respeito ao ranqueamento e engajamento, fluindo sobre a operacionalização do nexo de centro-margem em espaços enunciativos informatizados.

REFERÊNCIAS

#01: O preconceito algorítmico não é uma questão de matemática. [Locução de]: Luciana Barreto. **CNN Entre Vozes**. Spotify, 15 mar. 2021. *Podcast*. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/OSJlq7RT6udSD3CnM1zJLM?si=cccb968c15d5471d>>. Acessado em 03 de dezembro de 2022.

ADORNO, Guilherme. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/961603>>. Acessado em 06 de maio de 2022.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ANJOS, Liliâne Souza dos. **No rastro dos sentidos**: funcionamentos discursivos de/sobre masculinidade viril na mídia. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia. 2015. Disponível em: <http://www.ppglinc.letas.ufba.br/sites/ppglinc.letas.ufba.br/files/dissertacao_liliane_versao_final.pdf>. Acessado em 02 de junho de 2023.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.



DE FREITAS, Samilly Loures. "É sobre isso": disparidade de remuneração entre influenciadores digitais brancos e negros no Brasil. **Anais do Seminário de Ciências Sociais**, v. 6, p. 1-14, 2021. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufes.br/scs/article/view/36577>>. Acessado em 07 de dezembro de 2022.

DIAS, Cristiane Pereira. **Sujeito, sociedade e tecnologia**: a discursividade na rede (de sentidos). São Paulo: Hucitec, 2012.

DIAS, Cristiane Pereira, **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo HIV. Tese de doutorado (Programa de pós-graduação em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. 2004. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492836>>. Acessado em 05 de maio de 2022.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital**: Por uma crítica hacker-fanoniana. Boitempo Editorial, 2023.

GALLO, Solange. Sobre a normatização vigilante dos discursos midiáticos. **Anais do V LAVIT'S**, 2017, p. 426-438. Disponível em: <<https://lavits.org/wp-content/uploads/2018/04/74-Solange-Leda-Gallo.pdf>>. Acessado em 05 de novembro de 2023.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, v. 6, n. 1, p. 95-121, 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recofi/article/view/722>>. Acessado em 06 de dezembro de 2022.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

MODESTO, Rogério. Os discursos racializados. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1851>>. Acessado em 29 de agosto de 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2022.

PÊCHEUX, Michel. Por uma análise automática do discurso. In: GATED, F.; HAK, T. (org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux/ organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariani... [et al]. – 5ª ed.- Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014, p. 61-162.

REIS, Ruth; ZANETTI, Daniela; FRIZZERA, Luciano. Algoritmos e desinformação: O papel do YouTube no cenário político brasileiro. **Anais do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**. 2020, p. 1-16. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/59691158/gt4_Reis_Zanetti_Frizzera.pdf>. Acessado em 09 de março de 2023.

RIBEIRO, Sandra Stephanie Holanda Ponte. Sobre repovoar narrativas: o trabalho dos influenciadores digitais a partir de uma abordagem sociotécnica. In: **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 21, p. 271-281, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/civitas/a/cQphQYyZLKSqQWzCnRYRh3w/citation/?lang=pt>> . Acessado em 15 de março de 2023.



ROCHA, Cláudio Jannotti da; PORTO, Lorena Vasconcelos; ABAURRE, Helena Emerick. Discriminação algorítmica no trabalho digital. **Revista de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social**, v. 1, p. 1-21, 2020. Disponível em: < <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/direitoshumanos/article/view/5201>>. Acessado em 11 de dezembro de 2022.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. Edições Sesc SP, 2022.

TRINDADE, Luiz Valério P. Mídias sociais e a naturalização de discursos racistas no Brasil. *In*: SILVA, Tarcízio. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiáspóricos, São Paulo – SP: LiteraRUA, p. 26-41, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/339954112_Comunidades_Algoritmos_e_Ativismos_Digitais_olhares_afrodiasporicos>. Acessado em 15 de novembro de 2022.